Património e Turismo Cidade, Chuva Miudinha e Três Milénios de História

Rui Ramos Loza*

Arquitecto

Resumo

Quando pensamos em públicos que desejam conhecer a nossa arte e a nossa maneira de ser, a nossa realidade histórica, ambiental e cultural, que têm prazer de nos conhecer como nós somos, podemos começar a pensar que há espaço, e ainda há tempo, para transformar as nossas cidades em destino turístico de muitas gentes, de muitos países e de muitas idades que poderão beneficiar da qualidade urbana que temos para lhes oferecer.

Há um turismo cultural que nós interessa privilegiar, procurando captar aqueles que preferem conhecer a nossa riqueza em todas as dimensões, com o que tem de belo e de feio, de antigo e de novo, de saboroso e de insosso, de ilustre e de "negro".

É a esse turismo que podemos vender a nossa insistente chuva miudinha!

Palavras-chave

Turismo, Património, Identidade, Carácter, Autenticidade

Abstract

The experience of Oporto as an historical city included in the UNESCO World Heritage List, and the conflict with tourist activity, may help to understand how the cities may deal with the problems of identity and character.

The question is: how to sell the rain of Oporto instead of the sun and the beaches? Are there, however, tourists that may prefer our habits, our heritage, our town with its values and its defaults, instead of the traditional and massive destinations?

Keywords

Tourism, Heritage, Identity, Character, Authenticity

*Técnico superior da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento da Região Norte (CCDRN)
E-mail: rui.loza@clix.pt

1 Poderá a cidade ser uma motivação turística?

A cidade como um todo

A cidade como motivação turística não é uma ideia velha.

Tradicionalmente, o turismo procurou mais o monumento, o museu ou o evento para motivar o turista à deslocação.

O fenómeno natural, as cataratas do Niagara, o fenómeno religioso, Santiago de Compostela, Roma ou Fátima, o fenómeno artístico, as pirâmides do Egipto ou a Acrópole de Atenas, ou os grandes eventos, como Jogos Olímpicos ou campeonatos de fórmula 1, foram, geralmente, mais relevantes para a organização de programas turísticos do que as cidades em si onde esses eventos ou fenómenos ocorrem.

Talvez algumas excepções, notáveis, como Paris ou Nova York, exprimam a raridade de cidades que, desde há muito, são atractivas, independentemente da época do ano, da programação dos seus eventos ou da performance dos seus monumentos. É óbvio que isso acontece desde há muito nessas cidades, e em poucas mais, porque a sua oferta é tão rica, diversificada, divulgada e prestigiada que toda a gente sabe não se arriscar a enfadar-se, por mais longa que possa ser a visita turística.

Mas hoje, já não falamos só dessas cidades "fenomenais" como atracção turística. As cidades históricas, em geral, procuram agora valorizar o seu conjunto urbano, onde também existem monumentos, museus e eventos de diversa ordem, para atrair visitantes e turistas, para os reter, para os fazer regressar e para que estes conquistem novos interessados em futuras férias ou pausas.

As cidades com património, isoladamente ou em redes, conjuntamente com as paisagens das regiões que as envolvem são agora recursos turísticos, procurados por entusiastas de todo o mundo que preferem absorver a cultura de um povo a simplesmente consumir o seu sol e a sua gastronomia.

O que esses turistas procuram é o contacto, directo, com realidades diferentes das suas, muitas vezes envolvidas em mitos ou em vagas descrições que circulam em livros, revistas e canais de televisão temáticos, que podem ser apercebidos pela internet, que foram, porventura, escala de percursos anteriores ou sítios visitados por amigos com sensibilidade semelhante.

Este turista, a que convencionalmente se chama "turista cultural", tem, geralmente, uma capacidade de adaptação e uma vontade de conhecer as novas cidades que visita muito diferente do tradicional turista de férias "só sol".

Só a esse é que podemos vender a nossa insistente chuva miudinha.

Ele, como nós, vai aprendendo a gostar da nossa cidade pela riqueza do seu conteúdo cultural, independentemente de ver ou não o sol brilhar todo o dia e todos os dias da sua permanência.

A cidade é feita de vida.

Feita de vidas de hoje, de ontem e de amanhã, e é essa vida que ele encontra nos passeios e nas lojas, nos monumentos e nas casas. É o conteúdo dessa vida e dessas vidas que ele procura entender nos restos das muralhas, nas torres das igrejas, nas grandes pontes metálicas, nos azulejos das fachadas.

Ele quer saber como é que estas coisas vieram cá parar, quem as fez, quando foram feitas, quem as pagou, porque é que os nossos antepassados, mais ou menos recentes, mais ou menos remotos, se dedicaram ao comércio do vinho, ao Vinho do Porto, à navegação longínqua, ao Brasil e à China?

A cidade do Porto é um porto.

Um Porto de barcos e de percursos.

O Porto é uma cidade de Celtas, de Suevos, de tripeiros. É uma cidade de gente Atlântica, de gente do Douro também, serrana, algo lusitana, algo visigótica, mas as marcas mais profundas são as nórdicas.

O Porto, "geneticamente", será da família das cidades do noroeste europeu, marítima, chuvosa, pesqueira e marinheira, juntamente com a Galiza das rias, com a Bretanha, com a Irlanda e com a Escócia.

Mas o Porto, historicamente, ligou-se também com a Inglaterra, com os Países Baixos, com o Báltico, com as cidades da liga Hanseática, com os Vikings dos fiordes nórdicos.

Na partilha do mundo com Lisboa, enquanto a capital do Império centralizava as rotas da Índia e da África, o Porto estabelecia laços velhos e íntimos com a Inglaterra e, depois, com o Brasil.

Assim se foi construindo uma identidade e um mundo de relações onde entra o Vinho do Porto com Ingleses, Escoceses e Dinamarqueses, e a industrialização com Alemães, Britânicos, Franceses e Belgas.

É uma cidade de judeus que depois partem para Amsterdão, Bruges, Antuérpia, e aí vão fazer

a sua riqueza e continuar a sua cultura.

O Porto é uma cidade aberta, liberal, progressista, mais de comerciantes do que de aristocratas, vivendo mais do mercado do que da corte, vivendo mais do negócio do que da guerra.

Esta cidade descobre-se entre nevoeiros e neblinas!

Claro que também há dias de sol.

Nesses dias é preciso pôr as roupas a secar porque as semanas de chuva, às vezes, são seguidas.

Mas, entre a chuva miudinha e as orvalhadas, há muito mais para descobrir, de tudo um pouco, daquilo que se fazem as cidades e que aqui se foi acumulando ao longo dos milénios: conventos e igrejas, muralhas, mercados, cais, armazéns, museus, teatros, casas/torre góticas, fachadas barrocas, pontes monumentais, o antigo escondido e o moderno não revelado. Há arqueologias que nos mostram o castrejo da idade do bronze, enterrado sob o romano e as camadas medievais, mas há também o século vinte com arquiteturas de surpresa, do movimento moderno até à contemporaneidade.

Há paisagem, animação das ruas, comércio, restaurantes, jardins esplanadas, casas, barcos e vinhos.

E o Porto é também uma tribo de futebol.

Esta cidade de ligações materiais e imateriais a outros sítios é um Porto de relações, com famílias e personalidades, com artistas que deixam a sua obra nas ruas, como os arquitectos, os escultores, os paisagistas, e com outros que deixam a sua obra nas galerias, nas livrarias, nos ecos dos teatros.

2 O que será o turismo cultural?

Será o turismo cultural uma abstracção que só alguns distinguem? Mais ou menos imaginado por sonhadores que, que não tendo sol para vender, querem a toda força concorrer com “os Algarves” e “as Seicheles” desse mundo?

Será um remédio mal gostoso que se toma só porque faz bem? Receitado por professores de História de Arte a alunos finalistas que, “se não forem ver, não passam”?

Será o turismo cultural um produto para “snobs”, que viajam para destinos pouco usuais só para parecer bem, só para depois mostrarem os carimbos da sua cultura adquirida a dólares em visitas guiadas a sítios escondidos dos cidadãos

“vulgares”?

Ou, será, talvez...

Um produto específico, para uma procura específica, capaz de fazer feliz quem nos visita e capaz de nos deixar felizes a nós que os recebemos?

Se pensarmos no turismo como uma indústria de massas, em que a quantidade é tudo, em que o que importa é encher hotéis e restaurantes, praias e casinos, palácios e castelos mais ou menos parecidos com a realidade histórica, dificilmente poderemos pensar em turismo cultural com algum interesse económico para o desenvolvimento do país e das empresas do sector.

Mas, quando pensamos em públicos que desejam conhecer a nossa arte e a nossa maneira de ser, a nossa realidade histórica, ambiental e cultural, quando pensamos em **públicos que têm o prazer de nos conhecer como nós somos**, aí podemos começar a pensar que há espaço, e ainda há tempo, para transformar as nossas cidades em destino-turístico de muita gente, de muitos países e de muitas idades que poderão beneficiar da qualidade urbana que temos para lhes oferecer.

Para isso falta apenas uma coisa !

Ter qualidade urbana para lhes oferecer.

Não basta ter cidades antigas, se elas estiverem velhas, degradadas, mal tratadas, quase abandonadas. De facto, não é preciso ter mais do que cidades como as que nós temos. Só nos falta torná-las habitáveis, limpas, confortáveis, cuidadas.

Isto são requisitos que temos de exigir para nós mesmos.

São condições essenciais à nossa dignidade e à nossa qualidade de vida, com turistas ou sem eles. Só que, se assim fizermos, eles também vêm e se assim não fizermos continuaremos a falar, ano após ano, do nosso rico património cultural que, não sabemos porquê, em vez de dar lucro dá prejuízo.

Saibamos nós olhar para as nossas cidades patrimoniais e saberemos investir no seu cuidado e tratamento, para nosso uso quotidiano e para fruição de quem nos visita, que, assim, verá compensada a sua deslocação.

Se não soubermos, ou não quisermos, cuidar das nossas cidades patrimoniais como recurso escasso e precioso que são, e se insistirmos em deixá-las cair, em deixá-las apodrecer, afundadas em imundície, danificadas por grafitis e actos vulgares de vandalismo gratuito, se as deixarmos pejudadas de delinquentes, de sem - abrigo, de

pedintes, habitadas por miseráveis, então não poderemos esperar que esse precioso recurso se transforme em negócio, em fluxos de turistas, em apreciadores da nossa comida e da nossa cultura.

3 Poderá o património ser gerido como recurso?

O património é, efectivamente, um recurso que herdamos dos antepassados. É um recurso que dia após dia vai desaparecendo sob a indiferença, se não for gerido como um bem escasso, não renovável e frágil.

O património das cidades históricas, imóvel por natureza, não se importa nem se exporta. Quem o tem, tem, quem o não tem, vai ter de passar sem ele.

Por isso, é um recurso escasso! É um recurso que necessita de uma gestão cuidada, até carinhosa, porque falamos de antiguidades, geralmente, doentes, com necessidade de especiais atenções na arquitectura e no uso, na definição dos novos programas que podem ser, ou não, suportados por cada edifício ou por cada conjunto.

É um recurso em risco, não só pelos ataques das intempéries e da passagem do tempo, mas, sobretudo, pela cobiça dos insensíveis que, loucamente, julgam que podem substituir valores que o tempo seleccionou por objectos, quantas vezes injustificáveis, cuja vida será certamente efémera.

Mas deve o turismo preocupar-se com a defesa do património ou isso deve ser exclusiva preocupação da cultura?

Pode o recurso património, no interesse do seu aproveitamento turístico, ser gerido sectorialmente e localmente? Parece ser "eterno" o disparate!

Então porque não um programa de gestão integrada desse recurso, cruzando os níveis nacional, regional e local, e os sectores da cultura e da economia?

4 Como mobilizar este recurso escasso, protegendo-o?

Como país que carece de desenvolvimento, não podemos dar-nos ao luxo de desprezar o nosso património.

Como país que carece de desenvolvimento continuado não podemos dar-nos ao luxo de esgotar o nosso património.

A reabilitação urbana integrada das nossas cidades, feita primordialmente para defesa da qualidade de vida dos nossos cidadãos, será a única resposta eficaz para reabilitar o património urbano de que somos ricos, assegurando a sua longevidade.

As cidades não podem ser defendidas só porque há turistas, mas também porque há turistas.

5 É a cidade histórica compatível com carga turística?

O turismo pode ser uma actividade predadora para os centros históricos.

Não é o turista o principal predador dos centros históricos, é o operador turístico, o investidor hoteleiro, por vezes o próprio município, quando pretende vender mais do que aquilo que uma cidade tem para dar.

Pode ser a própria cidade a predadora do seu bem patrimonial, se se prostitui para o turismo, isto é, se por dinheiro, se vende ao turista, em prejuízo dos seus próprios cidadãos.

O que há de essencial a preservar é a identidade, o carácter e a autenticidade, ou seja, a alma da cidade!

A arquitectura, a arqueologia, a antropologia, a história, a sociologia e o urbanismo sabem lidar com esses problemas. Importa que "o turismo" não seja alheio a esse saber.

6 Como usar o património sem perder a autenticidade?

Privilegiar os moradores.

Resolver os problemas locais.

Assegurar a continuidade dos hábitos e das tradições.

Proteger e valorizar os valores intangíveis.

7 Não fingir que somos mais do que aquilo que somos

Que nos venham visitar os que nos querem conhecer.

Que venham viver como nós gostamos de viver.

Que venham comer o que nós gostamos de comer.

Que venham ver o que nós gostamos de ver.

Que venham gostar da nossa cidade como nós

gostamos dela.

Qual a questão que devemos colocar?

No ano passado,

Quantos hectolitros de Vinho do Porto beberam os turistas que nos visitaram?

Ou

No ano passado,

Quantos turistas aprenderam a conhecer o Vinho do Porto,

As suas qualidades,

A sua história,

A sua região e os seus rituais?

8 Tópicos para reflexão

A cidade dos cidadãos e para os cidadãos

Podemos nós (ou sequer devemos) transformar as nossas cidades históricas para satisfazer o gosto dos visitantes e turistas?

Não devemos nós, em vez disso, preservar o que temos de exclusivo, aquilo que os turistas não podem suspeitar que existe, aquilo que eles não podem encontrar sem ser aqui?

A cidade atractiva para os visitantes

Quer dizer que devemos deixar as nossas cidades ser hostis para os visitantes e turistas?

Ou devemos nós preparar as nossas cidades para receberem os turistas com a máxima hospitalidade e o melhor acolhimento?

A cidade permeável, cidade para todos, a cidade global

Não será então a cidade tanto nossa como deles?

Poder-se-á, hoje, pensar em cidades fechadas, com muros barreira que segregam os estranhos dos habitantes?

A cidade como gesto de cultura

Não serão as cidades históricas, independentemente da sua idade, expressão da cultura dos povos, e, por isso, bens que devem ser usufruídos por todos, sejam eles moradores ou turistas?

A cidade para os turistas, a cidade produto

Temos ou não que acautelar as nossas cidades históricas para não se tornarem num mero produto turístico, estranho aos seus habitantes, fabricadas apenas para satisfazer uma indústria?

A cidade autêntica,

Para tudo, para todos, sem deixar de ser para si própria

Porque não havemos de defender a preservação daquilo que é “exclusivo nosso”, daquilo que resulta da nossa história e da nossa geografia, daquilo que nos marca como pessoas desde há muitos anos, daquilo que constrói o nosso carácter?

- os hábitos;
- as comidas;
- as festas;
- as lojas;
- as ruas;
- os jardins;
- a arte;
- as roupas.

Prevenir a descaracterização da cidade

Ainda vamos a tempo de evitar que as nossas cidades históricas se transformem em “Disneylandias” para divertir os turistas, como se se tratasse do zoo humano, onde eles poderão ver e contactar com estas espécies em extinção?

Temos uma razão própria para existir, ou apenas servimos para servir os turistas?

Evitar que a cidade se transforme naquilo que a massa de turistas gostaria que ela fosse ou, pior ainda, naquilo que os operadores pensam que os turistas gostariam

Podemos retirar às nossas cidades históricas o seu paladar, para que os turistas não estranhem esse sabor desconhecido?

Se a cidade for, simplesmente, aquilo que é, haverá, ainda assim, turistas para apreciar isso mesmo.

Não haverá turistas, e até talvez muitos turistas, que procuram precisamente o paladar das coisas, aquilo que é diferente, aquilo que lá não há, aquilo que só se encontra nos locais de origem?

O turismo exigente contra turismo de massas

Não será preferível ter menos turistas que nos apreciem conforme nós somos, em vez de um maior número que não saberia compreender as razões de sermos assim como somos?

Cidade património e turismo cultural

Não haverá um turismo cultural que nos interessa privilegiar, procurando captar aqueles

que preferem conhecer a nossa riqueza em todas as dimensões, com o que tem de belo e de feio, com o que tem de antigo e de novo, com o que tem de saboroso e de insosso, com o que tem de ilustre e de "negro"?

Não temos nós, para esses, cidades históricas com a plena autenticidade de todas as épocas que as atravessaram?

A cidade única

- irrepetível;
- complexa/completa;
- indescritível;
- com identidade;
- com carácter.

A cidade obra de arte

- a arquitectura;
- o urbanismo;
- a paisagem;
- a história;
- o sítio;
- as gentes;
- o teatro;
- a dança;
- a música;
- a pintura;
- a escultura;
- o cinema;
- a fotografia;
- os desportos.

Cidade e emoções

- simpatia;
- agrado;
- prazer;
- amor;
- encanto;
- paixão;
- saudade;
- desilusão;
- apatia;
- repulsa;
- rejeição;
- ódio.

A cidade com os seus defeitos e as suas virtudes, tal como é!

A quem interessa?

9 Conclusão

A experiência da reabilitação urbana do Porto, com a inclusão na lista do Património Mundial da UNESCO, permite levantar um grande número de inquietações sobre a capacidade, virtualidades e riscos do desenvolvimento do turismo cultural em cidades patrimoniais.

Esta experiência permite, também, equacionar a necessidade de uma visão integrada, onde a vertente turística apareça inserida nas preocupações urbanísticas, sendo de valorizar o entendimento da autenticidade e o carácter do local como principais suportes de um desenvolvimento sustentável, capaz de articular a defesa e a valorização do património com o crescimento de uma procura turística que deve ser qualitativamente avaliada para que não se torne predadora do bem que a suporta.

Importa, em vez de adaptar as nossas cidades ao gosto dos turistas, procurar os turistas que possam gostar das nossas cidades tal como nós as queremos para nós próprios.

Bibliografia

- Campos, João, 1999, *Reflectir (sobre) a Cidade Histórica*, Porto, C.M.P
- Campos, João, 2002, *A Dimensão Intangível na Cidade Histórica*, Porto, C.M.P
- Loza, Rui R., 1998, *Porto Património Mundial*, Porto, C.M.P
- Ramos, Luís A. Oliveira, 1994, *História do Porto*, Porto, Porto Editora
- Universidade Portucalense, 1996, Espaço e Memória in *Revista de Património*